

Inconsciente-Recalcamento: uma concepção freudiana de espaço-tempo

*Ignácio Alves Paim Filho**

“A teoria do recalçamento é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela [...]” (FREUD, 1914b, p. 26).

“Imagino que já nesse ponto muitos dos interessados em psicologia poderiam desistir da leitura, pois aqui se encontra o primeiro *shibboleth*¹ da psicanálise” (FREUD, 1923, p. 28).

Resumo: O presente trabalho tem por meta repensar o recalçamento, nos seus três tempos, e sua inter-relação com o inconsciente e com os destinos pulsionais narcísicos. A partir dessas vicissitudes, teoriza sobre a fundação da psique, o não-recalcado e a estruturação do recalcado. O autor faz um percurso pelas idéias freudianas, que lhe permitem sustentar o paradigma do sujeito psíquico, constituindo-se na inter-relação do inconsciente recalcado e do inconsciente não-recalcado. Diante dessa assertiva, compreende, desde o vértice metapsicológico, que esses inconscientes são a topografia (espaço e tempo) que alberga o representável (sexual) e o irrepresentável (não-sexual). Portanto, ratificará que o recalçamento, na sua presença/ausência, será o elemento por excelência delineador do aparelho psíquico.

Palavras-chave: Inconsciente. Recalcamento. Representação.

* Psicanalista, Membro Associado da SBP de PA, Membro Pleno do CEP de PA.

¹ Expressão de origem hebraica, que, segundo nota do tradutor dos Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente (2007), é usada na acepção de “palavra armadilha” (p.73), que Freud vai usar de maneira metafórica para discriminar a aceitação, por aquele que se diz psicanalista, dos quatro postulados fundantes de sua ciência. Nessa citação se está referindo ao *inconsciente*; os demais são: sonhos (1914); sexualidade (1919) e complexo de Édipo (1920).

A temática do recalçamento e do inconsciente apresenta-se, desde as origens da psicanálise, numa relação dialética e complementar, sendo indiscutivelmente dois construtos de vital importância no pensamento freudiano. Nesse sentido, buscando dar sustentabilidade a essa afirmação, evoco o enunciado feito por Freud (1915b):

Embora tudo que foi recalçado precise permanecer inconsciente, esclarecemos de antemão que o recalçado não abarca todo o² inconsciente. Ou seja: o inconsciente tem maior abrangência que o recalçado, este é apenas uma parte do inconsciente (p. 19).

Tendo em mente a complexidade apontada nessas palavras, pretendo fazer algumas especulações, especificamente sobre o lugar do recalçamento e do inconsciente como a “pedra angular” sobre a qual repousa a estruturação do aparelho psíquico, compreendido por um *locus* inserido num tempo. Com o escopo de viabilizar esse processo especulativo, tomarei como meu fio de Ariadne as seguintes indagações: o recalçamento é o responsável pelo ato inaugural do aparelho psíquico ou do inconsciente? O inconsciente, o nosso “primeiro *shibboleth*”, existe desde as origens ou tem de ser construído? Caso tenha de ser construído, o que existe antes do inconsciente? Como podemos compreender metapsicologicamente a existência de um inconsciente não-recalçado? E, buscando delimitar esses interrogantes, uma pergunta final: como os três tempos do recalçamento – o originário, o secundário e o do retorno do recalçado – se relacionam com os desdobramentos e as complexidades galgadas pelo aparelho psíquico?

Seguramente, tentar responder às questões acima é uma missão impossível. Parece-me que o possível é tentar equacioná-las. Para isso, me reportarei às origens do sujeito psíquico. Penso no tempo primordial, condição de pura pulsão, marcado pela indiferenciação, quando a díade mãe-

² Negritos do autor, com o intuito de assinalar o caráter topográfico desse inconsciente, que remete a um locus, e não a uma qualidade.

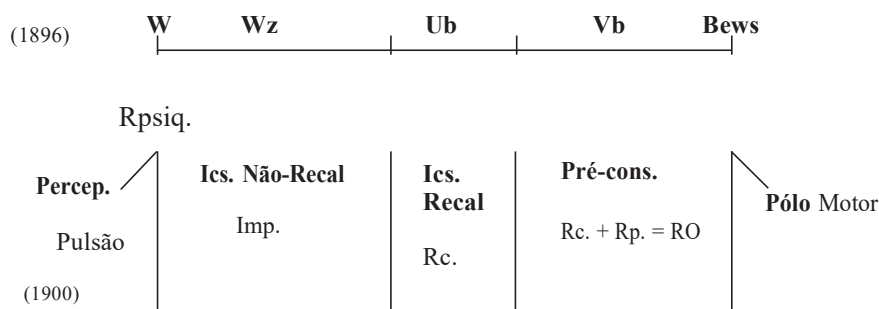
bebê estaria (de forma mítica) em estado de natureza. Em um trabalho anterior³ (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2005), postulamos que a saída desse estado de natureza – afirmação primordial-indeterminada (*bejahung*) – se dá pela ação da expulsão primordial (*Ausstossung*). Desse modo, a partir da expulsão da pulsão, o externo vai ser criado, permitindo que se dê o encontro com o objeto e o acontecer das experiências de satisfação e dor, que irão fazer as primeiras impressões no que virá a ser o aparelho psíquico.

Refletir sobre os fundamentos da psique requer algumas tomadas de posição, mesmo que sejam de caráter hipotético; entre elas, a questão fundamental de sabermos que o recalçamento não funda o aparato psíquico, que existe um universo que não só o antecede, como também é o responsável pela sua instalação, em que encontramos a presentificação do tempo mítico – a pré-história do sujeito, lugar em que a filogênese (fantasias originárias) começa a fazer-se ontogênese, que vai culminar, no decorrer do seu desenvolvimento, na criação do inconsciente recalçado. Freud (1915c), no artigo sobre as pulsões, relata os destinos pulsionais prévios ao recalque: transformação ao contrário e retorno sobre si mesmo. Acredito que esses destinos pulsionais, ditos narcísicos, estão intimamente relacionados com o **inconsciente que nunca foi consciente**. Assim sendo, penso que podemos levantar a hipótese da existência de um inconsciente enquanto potencial, ligado ao Eu-realidade-originária, sob o qual ocorrem as primeiras inscrições – aquela instância que na carta 52 Freud (1896) chamou de “Wz – indicação de percepção” –, o primeiro registro das percepções, incapaz de vir à consciência. Seu trâmite se dá via associação por simultaneidade (p. 282). Na tópica de 1900, esse inconsciente estaria localizado à esquerda, mais próximo do pólo perceptivo do representante psíquico da pulsão

³ “O trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável” (2004) trabalhamos a partir do artigo de 1925 sobre “A negativa”, as idéias sobre as duas forças primordiais: a afirmação e a expulsão e seus desdobramentos, na medida em que a afirmação está vinculada a Eros e a expulsão à pulsão de morte. Buscamos, também, articular o conceito freudiano de “impressão” com a marca constitutiva do trauma primordial, o não-representável.

**INCONSCIENTE-RECALCAMENTO:
UMA CONCEPÇÃO FREUDIANA DE ESPAÇO-TEMPO**

(Rpsiq), aquém do inconsciente recalcado. Esquemáticamente, seria esta a formatação (com adendos do autor), partindo do modelo de 1896⁴:



Portanto, a transformação no contrário e o retorno sobre si mesmo vão tecer a trama pela qual o inconsciente que nunca foi consciente (inconsciente não-recalcado), vinculado ao Eu-realidade-originária, vai transformar essas inscrições primordiais – **impressões** (Imp) – em traços e representações de coisa (Rc). Seguindo este pensar, podemos afirmar que tais destinos pulsionais primordiais (pré-recalque) são os responsáveis pela fundação do aparelho psíquico. O que até então era um espaço potencial, virtual, uma disposição de vir-a-ser começa a tornar-se um real espaço psíquico, marcado por uma temporalidade que evidentemente vai ganhar significação *a posteriori* (*Nachträglich*), quando do advento do tempo histórico, que o recalcamento instaura. No trabalho “Guerra e o Repúdio ao Feminino” (PAIM FILHO; QUADROS, 2004), propusemos nomear essa disposição de “**disposição feminina originária**” – uma potencialidade inerente à cria do homem para albergar e conter as demandas pulsionais, condição primeira para desenvolver um aparato psíquico, que terá no trabalho do

⁴ No modelo da carta 52 (1896), as siglas remetem a: W (percepção); Wz. (indicação da percepção); Ub (inconsciência) segundo registro; Vb (pré-consciência) terceira transcrição, representações verbais; Bews (motor). É importante ressaltar que, nessa missiva, Freud vai discorrer sobre noções elementares do processo de complexização do aparato psíquico, que se manterá no decorrer de toda a sua obra, tais como: estratificação, traços de memória, rearranjo e retranscrição.

feminino o elemento transformador das impressões contidas pela força dos destinos pulsionais pré-recalque.

À medida que as representações de coisa (Rc), que são um conjunto de traços interligados, se constituem, temos as marcas inaugurais do recalçamento originário. Esse, sim, quando instalado definitivamente, em torno dos 3 a 4 anos de idade, vai fundar o inconsciente recalçado, que fará a primeira clivagem do psiquismo em inconsciente e pré-consciente/consciente. Seguindo esse percurso evolutivo, teremos o segundo tempo do recalçamento por volta dos 5 a 6 anos, quando da resolução da conflitiva edípica. Com o advento do recalçamento secundário, o inconsciente recalçado está finalmente estruturado. O recalçado irá manter-se como instância psíquica mediada, de um lado, pelo trabalho do recalçamento originário e, do outro, pelo recalçamento secundário enquanto defesa à demanda pulsional; em relação à satisfação, terá no retorno do recalçado o seu elemento facilitador.

Buscando dar certa ordem a esse caos, de forma sintética, podemos montar o seguinte cenário, tendo como pano de fundo a primeira tópica freudiana (1900). **O inconsciente não-recalçado** (o inconsciente que nunca foi consciente e que por si só nunca o será) contém em seu núcleo as impressões primordiais que não se metamorfosearam em representação. São **inscrições que não sofreram transcrições**, que seguem pulsando mais além do princípio do prazer, muito próximas da pulsão, gerando uma angústia originária. Temos a idéia de que nesse inconsciente, que é o mais arcaico do sujeito, está inscrito um **trauma primordial** (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2005), impulsionado pela expulsão primordial, que pode trilhar dois caminhos: ou manter-se como **trauma não-estruturante**, pulsando em busca de ser capturado pelo mundo representacional, pois só assim poderá vir a ser consciente um dia; e/ou manter-se com um **trauma estruturante**, que terá como destino o inconsciente recalçado, pulsionalizado pelo desejo.

O inconsciente recalçado tem sua origem no **recalçamento originário** (*Urverdrängung*), cujo devir anuncia a travessia do tempo mítico (in-

consciente não-recalcado) para o tempo histórico (inconsciente recalcado) que se faz acontecer devido à necessidade de abafar o desejo parricida e incestuoso que o Eu-ideal proclama, e as marcas iniciais da impossibilidade de ocupar esse lugar que o seu desamparo biológico psíquico denuncia. A energia usada por esse recalque para fazer sua função interdutora segue sendo um grande enigma. Freud (1915b) diz que ele é passivo e funciona por contra-investimento. Parece-me que é um auto-engendramento, marcado pelo paradoxo, que faz uma dupla função: possibilitada que as representações de coisa vão se desenvolvendo ao mesmo tempo que se utiliza da energia pulsional fixada⁵ por elas para deter o seu acesso ao pré-consciente. A melhor imagem que me ocorre para caracterizar essa estruturação é a analogia com as pedras usadas para deter o curso de um rio, pois sua força é diretamente proporcional à forma pela qual se dá o arranjo entre as pedras durante sua estratificação. Sabendo dos limites de toda a analogia, proponho que as representações funcionam como as pedras que vão se arranjando e delimitando um espaço para alojar o desejo e gradativamente interdita-lo. Contudo, a grande diferença é que as pedras mantêm-se inertes, enquanto as representações que constituem o recalcado seguem proliferando. Como diz Freud (1896), sofrem rearranjos que exigem dispêndio constante de energia.

Quando postulo o recalcamento originário concluído em torno dos 3 a 4 anos de idade, uso como balizadores os seguintes tempos: entrada na conflitiva edípica, a transição entre a fase anal expulsiva e retentiva e, por último, a linguagem, que começa se fazer simbólica (representação de palavra/Rp). Desse modo, o sonhar enquanto realização de desejo proibido passa a existir a partir do recalcamento originário. Encontramos, no caso clínico do Homem dos Lobos (FREUD, 1918), um exemplo emblemático do retorno do recalcado, trazendo à luz os derivados desse. Nesse célebre

⁵ Freud, em 1911, no caso “Schreber”, relata pela primeira vez a existência dos três tempos do recalque, esboçando a idéia de que a fixação seria a primeira fase do recalque: “A primeira fase consiste na fixação, que é a precursora e condição necessária a toda a repressão [...] a base para determinação do resultado da terceira fase da repressão” (p. 90).

caso, o paciente narra que, aos 4 anos, teve um sonho com lobos brancos em uma árvore. Freud trabalhará esse sonho em torno da cena primária⁶, fazendo valer a importância clínica do recalque originário e assinalando que esse destino pulsional remete ao mais além do tempo mítico, isto é, a um tempo histórico.

O **recalcamento secundário**, ou recalque propriamente dito (*eigentliche verdrängung*), é ativo, funciona pela força de atração do primariamente recalque e pela força de repulsa do pré-consciente. Esse recalque surge em função de o recalque originário produzir derivativos que necessitam de uma nova interdição. Como já dissemos, estará construído por volta dos 5 a 6 anos de idade; seu marco fundante é o sepultamento do complexo de Édipo no núcleo do inconsciente recalque. A ponte que liga as duas fases do mesmo recalque é o ideal-de-Eu, pois é o seu nascimento que permite a instalação desse “pós-calcar”. Freud (1914a), no artigo sobre o narcisismo, enuncia: “Assim, a condição para o recalque é essa formação de ideal por parte do Eu” (p. 112). Portanto, é a promessa narcísica que o ideal-de-Eu contém, enquanto herdeiro do narcisismo primário – “não sou, mas vou vir a ser” – que dá recursos para que o sujeito renuncie e curve-se diante da lei que o recalque secundário instaura. Não devemos esquecer o velho adágio freudiano (1908): “Na realidade, nunca renunciamos a nada: apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogo” (p. 151).

O **retorno do recalque** (*wiederkehr des verdrängten*), terceiro tempo do recalque, tem sua existência determinada pela presença no inconsciente recalque de uma força (*drang*) representacional, que pulsa, buscando satisfação. Em termos dinâmicos, é a busca de ligar uma representação

⁶ No trabalho “Complexo de Édipo uma Criação Freudiana: De Enigma a Esfinge” (2008), desenvolvemos a idéia dos três tempos da cena originária. Um primeiro tempo como herança filogenética inscrita no inconsciente que nunca foi consciente; um segundo tempo, uma transcrição quando do advento do recalque originário; e um terceiro tempo, uma re-transcrição quando do recalque secundário. Sendo esse o caminho pelo qual essa verdade mítica adquiriu *status* de verdade histórica.

de coisa (Rc) com uma representação de palavra (Rp) o que possibilita a criação de uma representação de objeto (Ro). Faz-se apresentar, por meio de sintomas, sonhos, atos falhos, lapsos, transferência [...]. Esse mecanismo está comprometido em construir caminhos para realizar o desejo recalçado, porém de forma transformada. Genericamente, podemos dizer que o eterno dinamismo do retorno do recalçado tem por meta trazer o tempo-passado para o tempo-presente, assim como a análise tem a função de levar o tempo-presente a esse tempo-passado, que o retorno do recalçado desvela e encobre.

A existência desse terceiro tempo tem importância crucial para sustentar a hipótese que Freud postula em 1896 (carta 52) sobre as transcrições de um novo registro num outro espaço e num outro tempo. Compreendendo que essa idéia de 1896 está intimamente relacionada com a chamada hipótese topográfica⁷ 1915, conforme a qual Freud argumenta que uma representação de coisa do inconsciente poderia ser reinscrita no pré-consciente, desde que adquira uma nova roupagem, pela qual mantenha as marcas de sua origem e as diferenças que a camuflam, passando a ser uma nova-velha inscrição, ou seja, uma re-transcrição. Nesse sentido, é importante sublinhar que essa temática que transita pela inscrição, transcrição e re-transcrição dos registros mnêmicos amplia a sua significação quando a compreendemos implicada no processo do *a posteriori* (*Nachträglich*). Essa noção de tempo – que remete ao passado, ao presente e ao futuro – está assentada e condicionada pelo trâmite narrativo produzido na vinculação recalçamento-trauma. Podemos inferir, de forma mais circunscrita, que o retorno do recalçado é por excelência o veículo pelo qual a temporalidade do *Nachträglich* ganha fundamentação e dá fundamento à lógica temporal freudiana. Lógica de um tempo presente/futuro com potencialidade de reconstruir de forma permanente e inacabada o passado.

⁷ Freud, 1915, em “O inconsciente”, trabalhou com duas hipóteses para explicar a comunicação entre as instâncias psíquicas, uma topográfica, referida no corpo do texto, e uma funcional, na qual não ocorre uma nova-velha inscrição, mas sim uma ligação econômica entre as representações do inconsciente e do pré-consciente.

Contudo, a problemática do inconsciente/recalcamento configurando um espaço e um tempo seguirá nos instigando com muitos interrogantes. Minha meta, nessa breve escrita, era buscar dar certo ordenamento, partindo das pulsões e vendo nos seus destinos o modo pelo qual se vai construindo e se desenvolvendo nosso aparelho psíquico. Como sabemos, nossa psique é, antes de tudo, um aparelho de captura e transformação da demanda pulsional, auto-inserido numa temporalidade e numa espacialidade, e suas vicissitudes – transformação no contrário, retorno sobre si mesmo e o recalcamento – são modos de satisfação, mas também de defesa contra essa mesma demanda pulsional. Na inter-relação do inconsciente (espaço) com o recalcamento (tempo) teremos o grande paradigma do sujeito psíquico freudiano, exemplificado na introdução dessa escrita: “[...] o inconsciente tem maior abrangência que o recalcado, este é apenas uma parte do inconsciente” (1915a, p.19). Amparados por essa assertiva de Freud, temos subsídios para propor que a melhor metáfora para pensar a psique, da teoria à clínica, está situada na dialética de um inconsciente recalcado e de um inconsciente não-recalcado.

À guisa de conclusão, ressalto a importância de repensarmos os fundamentos do psíquico, principalmente o arcaico. Poder teorizar, especular, fantasiar sobre esse arcaico é imprescindível para produzir uma sustentação metapsicológica para as ditas patologias atuais, bem como para ressignificar as velhas patologias. Afinal, como nos diz Freud (1937), “sem isso não daremos um passo adiante [...]”. Sendo assim, compreendo que o inconsciente, na sua relação de **tese** e **antítese** com o recalcamento, forma e dá forma à concepção freudiana de espaço e tempo, que busca uma **síntese**. Temos, assim, a fundamentação necessária para que nós, psicanalistas deste novo século, façamos desdobramentos visando avanços, e que sejam frutíferos para albergar e dinamizar o **representável**, permeado pelo sexual (pulsão de vida) e pelo princípio do prazer – o inconsciente recalcado, e o **irrepresentável**, permeado pelo não-sexual (pulsão de morte) e pelo além do princípio do prazer – o inconsciente não-recalcado.

Unconscious-Repression: the Freud's conception of space-time

Abstract: The present paper has as its goal to rethink the repression process, in its three periods, and its inter-relation with the unconscious and the narcissic instincts destinations. Starting from this vicissitude, it theorizes about the function of the psychic, the non repressable and the structuration of the repressed. The author goes through Freud's ideas, which allows him to sustain the paradigm of the psychic person being built on the inter-relation between the repressed that is unconscious and the repressed that it is not unconscious. With this point of view, the author understands, from the metapsychological aspect, that these unconscious are a topography (space and time) that gives shelter to the representable (sexual) and the unrepresentable (non sexual). Therefore, it is going to emphasize that the repressive process in its presence/absence will be the element, for excellence, that structures the psychic arrangement.

Keywords: Unconscious. Repression. Representation.

Inconsciente-Represión: una concepción freudiana de espacio-tiempo

Resumen: El presente trabajo busca repensar la represión, en sus tres tiempos, y su interrelación con lo inconsciente y los destinos pulsionales narcísicos. A partir de esos avatares, teoriza sobre la fundación de la psique, el no-reprimido y la estructuración del reprimido. El autor hace un recorrido por las ideas freudianas, que le permite sostener el paradigma del sujeto psíquico, se constituyendo en la interrelación del inconsciente reprimido y del inconsciente no-reprimido. Frente a esa asertiva, comprende, desde el vértice metapsicológico, que esos inconscientes son la topografía (espacio y tiempo) que alberga el representable (sexual) y el irrepresentable (no sexual). Por lo tanto, ratificará que la represión en su presencia/ausencia será el elemento, por excelencia, delimitador del aparato psíquico.

Palabras-clave: Inconsciente. Represión. Representación.

Referências

ACCIOLY, A. et al. Complexo de Édipo uma Criação Freudiana: de enigma a esfinge. In: SIMPÓSIO DO CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE, 2008, Porto Alegre. **Simpósio...** Porto Alegre: CEP de PA, 2008.

FREUD, S. (1896). Carta 52. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. I.

_____. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. V.

_____. (1908). Escritores Criativos e Devaneio. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. IX.

- _____. (1911). Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.
- _____. (1914a). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro; Imago, 2004. v. I.
- _____. (1914b) A História do Movimento Psicanalítico. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIV.
- _____. (1915a). O Inconsciente. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro, 2006. v. II.
- _____. (1915b). O Recalque. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I.
- _____. (1915c). Pulsões e Destinos da Pulsão. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I.
- _____. (1918). História de uma Neurose Infantil. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVII.
- _____. (1923). O Eu e o Id. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro, 2007, v. III.
- _____. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXIII.
- PAIM FILHO, I. A.; QUADROS, V. **A Guerra e o Repúdio ao Feminino: Tróia com Paradigma**. Porto Alegre: CEP de PA, 2004. Trabalho inédito apresentado durante a Reunião Científica do CEP de PA.
- PAIM FILHO, I. A.; TERRA MACHADO, A. P. O Trauma Primordial na Dialética do Representável e do Irrepresentável. **Revista Psicanálise: revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2005.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Ignácio Alves Paim Filho
 Rua Felipe Néri, 457/401
 90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil
 Telefone: (51) 3331 3825
 E-mail: paimiga@terra.com.br